

‘A gente chama de qualquer jeito’. Notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia¹

Felipe Ferreira Vander Velden²

Resumo

Este artigo investiga a lógica de nomenclatura dos animais familiares (tanto nativos quanto introduzidos) entre os Karitiana, povo de língua Tupi-Arikém no norte de Rondônia. Argumento que os nomes dos animais de criação procedem, em sua grande maioria, do universo dos brancos, o que marca o fato de que esses seres sempre procedem de fora das aldeias habitadas pelos humanos – nesse sentido, assim como os nomes (humanos e caninos) em língua portuguesa, eles são a irrupção da história *quente* (no sentido lévi-straussiano) na estrutura Karitiana, na figura dos brancos. Não obstante, os nomes de algumas espécies animais permitem

¹ Este artigo aprofunda dados discutidos na segunda seção do capítulo III de minha tese de doutorado, depois transformada em livro (Vander Velden 2012). Foi apresentado nos Seminários do LALI, promovido pelo Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (LALI-UnB), em maio de 2011. Agradeço ao convite de Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Aryon Dall’Igna Rodrigues para a exposição de minhas ideias, bem como aos comentários críticos dos demais pesquisadores do LALI. A Bernardo Lewgoy devo o convite para finalmente publicá-lo.

² Professor Adjunto II do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Via Washington Luís, Km 235, São Carlos/SP, 13565-905. E-mail: felipevelden@yahoo.com.br.

apontar para um nexo entre humanos e não humanos, sugerindo que estes são 'humanizados' também por seus nomes, um entre os vários mecanismos simbólicos que conectam homens e animais de companhia entre os Karitiana.

Palavra-chave: Animais, Mascotes, Onomástica, Índios Karitiana, Rondônia.

Abstract

This article approaches the logics of pet naming (natives as well as exotic) among the Karitiana, a Tupi-Speaking people in northern Rondonia, southwestern Brazilian Amazonia. It argues that most of pet names come from the foreign universe of whitemen, which mirrors the fact that pets always came from abroad – in this sense, just like personal names (human and canine) in Portuguese, they are history's irruption (in a Lévi-straussian sense of "hot history") in the Karitiana structure, in the figure of whitemen. Notwithstanding, the names of certain species can be used to trace a connection between humans and non-humans, suggesting that animals are 'humanized' also through their names, one of the symbolic devices that links men and pets among the Karitiana.

Key words: Animals, Pets, Onomastics, Karitiana Indians, Rondônia.

O que há num nome? À pergunta formulada pela socióloga Avtar Brah (2006[1996]) a respeito de práticas de nomear grupos ou movimentos sociopolíticos, a antropologia tem respondido com uma variedade de maneiras de tratar o nexo entre nomes e entes (pessoas e outros seres) nomeados (Minelli, Ortalli & Sanga 2005; Bodenhorn & Vom Bruck 2006; Pina-Cabral & Viegas 2007). No caso dos nomes *pessoais*, ou *próprios*, muita tinta já correu sobre a fabulosa diversidade de práticas onomásticas reconhecidas mundo afora, assim como quanto às múltiplas questões mobilizadas pelos distintos sistemas de nomeação: pessoa, individuação, alma, segredo, posição social (Pina-Cabral 2010a). Nas sociedades de grande escala, como as sociedades nacionais

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

ocidentais, a aparente variabilidade de escolhas de nomes parece contrastar com a existência de regras mais ou menos estritas que presidem tais escolhas (Pina-Cabral 2008 e 2012; Pina-Cabral & Aparecida da Silva 2013). Naquelas de escala reduzida, como as sociedades indígenas sul-americanas, o conjunto de parâmetros acionados para a seleção e atribuição de nomes parecem mais facilmente reconhecíveis e, ainda assim, muito ainda há que ser feito para alcançar alguma forma de compreensão ampla do fenômeno, sobretudo no tocante a práticas de nomação individual de seres não humanos.

As complexas lógicas de formação e atribuição de nomes pessoais entre os povos indígenas nas terras baixas da América do Sul já foram objeto de vários estudos³, embora muito ainda reste por ser feito. Este exercício dedica-se a investigar um tema ainda menos conhecido: as regras onomásticas aplicadas a outros seres não humanos, em especial os *animais familiares*. No caso, animais domésticos ou, como denominam os Karitiana, *animais de criação*, seres adjetivados como *by’edna*, individualizados por nomes próprios entre várias populações amazônicas, de acordo com algumas breves observações encontradas na literatura etnológica.

* * *

Os Karitiana (*Yjxa*) são um povo de língua Tupi (família Arikém) que habita tradicionalmente os vales dos rios Candeias, Jamari e Jaci-Paraná, grandes afluentes da margem direita do rio Madeira, na porção norte do atual estado de Rondônia. Os Karitiana, atualmente, vivem numa área homologada de quase 90 mil hectares, um quadrilátero com cobertura florestal ainda razoavelmente preservada, limitado ao sul e leste pela Floresta Nacional (FLONA) do Bom Futuro, e ao norte e oeste por várias fazendas de gado e por grandes propriedades rurais, muitas delas pertencentes a figuras da política rondoniense. A demarcação desta terra indígena deixou de fora vastas porções do

³ Ver DaMatta 1976, 1987; Melatti 1976; Maybury-Lewis 1984[1967]; Viveiros de Castro 1986; Lopes da Silva 1986; Gonçalves 1992, 1993; Erikson 1993; Hugh-Jones 2002; Ramos 2008; Giraldim 2011 e Lea 2012, entre outros.

território tradicional Karitiana na região do rio Candeias, área pela qual o grupo luta há pelo menos trinta anos.

Os Karitiana são, hoje em dia, cerca de 350 pessoas distribuídas em quatro aldeias: uma delas (*Kyõwã*, *Aldeia Nova*, ou ainda *Aldeia Central*) localizada no interior da Terra Indígena Karitiana e habitada continuamente já há mais de 40 anos, e onde está a maior parte das estruturas de atendimento à população: escola, posto de saúde, casa do chefe do posto da FUNAI, galpão de reuniões, entre outras (e onde todo o meu trabalho de campo foi desenvolvido, entre 2003 e 2011). Outras duas aldeias foram constituídas fora da Terra indígena, como parte do esforço dos Karitiana pela retomada de antigas porções de seu território que ficaram de fora da demarcação da terra: *Byyyjty ot'soop'waky* (lit. *Cabelos de Byyyjty*) ou *Aldeia do rio Candeias*, situada às margens do rio Candeias e erguida pelo pajé Cizino em 2002; e *Mynyno* (o nome do igarapé Preto, que banha a comunidade), construída por uma importante liderança no limite norte da área demarcada, dentro dos limites de uma fazenda de gado vizinha. Uma quarta pequena aldeia (denominada *Bom Samaritano*) foi situada acerca de cinco quilômetros de *Kyõwã*, na estrada que liga a terra indígena à BR-364. Muitos Karitiana vivem (temporária e permanentemente), ainda, em cidades da região, principalmente em Porto Velho e em Cacoal.

Meu trabalho (Vander Velden 2012) buscou investigar a relação dos Karitiana com seus *animais de criação*, o que nós chamamos *animais domésticos* ou *domesticados*, *animais de companhia*, *de estimação*, *mascotes* ou *pets*. Esses incluem não apenas aqueles animais tradicionalmente recolhidos na floresta (em geral filhotes capturados após o abate de indivíduos adultos durante caçadas) e familiarizados (ou amansados) no convívio com os humanos, e que abundam em todas as aldeias indígenas nas terras baixas sul-americanas (quatis, macacos-prego, jacamins, araras, papagaios e jabutis sendo os mais comuns entre os Karitiana), mas também aqueles animais introduzidos pelos brancos com o contato, e plenamente incorporados ao cotidiano dos Karitiana atuais (cachorros, gatos, cavalos, burros, bois, porcos, galinhas, patos e mesmo coelhos), e que são legião também em boa parte das aldeias indígenas Brasil afora. Conforme dito acima, neste artigo focalizo um dos aspectos desta relação, que ainda mereceu pouca atenção dos especialistas, a saber: a lógica de nomenclatura (de atribuição de nomes pessoais) dos animais

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

familiares. Devo assinalar que me refiro ao conjunto de animais de criação que encontrei entre os Karitiana de *Kyômã* em 2009, e que incluía, por exemplo, uma única anta e um só jacamim, além de três coelhos, todos seres que não mais vivem por lá, embora eu não disponha de uma lista atualizada dos seres não humanos que coabitam as aldeias hoje.

* * *

Dos animais de criação entre os Karitiana, macacos, quatis, araras, papagaios, cachorros, equinos, coelhos e a anta recebem nomes próprios. Patos, galinhas, répteis (quelônios e serpentes) e o jacamim não, e só tenho referência a um periquito com nome, a maioria não sendo nominada. A situação onomástica dos porcos e gatos é ambígua, e não tenho informações sobre o que ocorria com as cabras – que existiram em abundância em *Kyômã*, por conta de um projeto de criação animal, até os anos de 1990 –, embora as informações que coletei não mencionem que fossem nominadas.

De partida, delineiam-se dois conjuntos: nominados parecem ser aqueles seres cuja individualidade é exaltada porque estão, sempre, em pequeno número, e mantêm com os humanos relações de proximidade e intimidade (os animais referidos pelo termo *by’edna*). Já aqueles que se destacam pela multiplicidade, por populações maiores, além de levarem suas vidas de modo, digamos, mais independente e autônomo (os animais *by kerep*), estes não recebem nomes⁴. O nome, pois, parece ter alguma relação com a *proximidade* e o *número*.

⁴ Araras são em bom número, mas cada uma delas é alimentada e vigiada com cuidado e atenção. Os periquitos (curicas) são numerosos, mas também recebem cuidados íntimos e especiais: talvez a maioria não receba nome por seu diminuto tamanho, pela facilidade com que são capturados e pela alta taxa de mortalidade entre os indivíduos mantidos nas aldeias. O jacamim é um caso interessante: embora seja muito dócil e sociável, a ave não tem nome; foi capturado ainda filhote por um rapaz, que abateu sua mãe; a ave vive na aldeia (2009), passeando por todos os lados, mas dorme com as galinhas no galinheiro da casa de seu *dono*, e como elas não recebe alimento. A distância relativa entre aves e humanos – apontada, entre outros, por Valeri (1992) e Lévi-Strauss (1997 [1962]) – talvez explique porque só araras e papagaios, entre os pássaros, sejam nomeados: esses psitacídeos de maior porte apresentam uma série de características “humanas” (monogamia vitalícia,

O sistema de nomação dos indivíduos humanos entre os Karitiana já foi analisado por diferentes autores (Landin 1989; Lúcio 1996: 123-132; 1998; Araújo 2002: 65-67), e um breve resumo será suficiente para nossos propósitos. Toda pessoa possui, hoje, dois nomes, que são mutuamente independentes: um deles é o *nome Karitiana* ou *nome na língua* (isto é, na língua Karitiana), composto por um único elemento (aparentemente nomes de personagens míticos – como *Orowej* ou *Taty* – ou de seres naturais, como *Ej'oop*, nome de uma flor⁵), que é transmitido por via agnática, em gerações alternadas: ou seja, uma criança recebe seu nome dos pais do seu pai (FF ou FM) ou dos germanos do pai do seu pai (FFB e FMZ) (Lúcio 1996: 129), o que faz com que um “estoque” de nomes – os *nomes Karitiana* parecem ser um conjunto finito (ver pequena lista em Landin 1983: 181-183) – se repita, idealmente, a cada duas gerações (G0 e G±2). A existência deste “estoque” finito que se retransmite com o nascimento de crianças – diz-se que a criança que recebe o nome de seu/sua avô/avó paternos é o ‘*eu novo*’ ou ‘*eu renovado*’, ou a ‘*reencarnação*’ destes – faz com que pelo menos dois indivíduos possam compartilhar o mesmo nome em certo momento do tempo; em função da intrincada rede genealógica que caracteriza a estrutura de parentesco dos Karitiana atuais, esta partilha é ainda mais frequente e numerosa. Deste modo, o *nome Karitiana* parece servir menos para *individualizar* do que para tornar manifestas as parentelas agnáticas às quais os indivíduos estão vinculados e as relações de parentesco que se desenrolam no tempo, vinculando gerações alternadas e *renovando-as*.

A individualização parece ser possibilitada pelo outro nome, o ‘*nome em português*’. Efetivamente, não há duas pessoas que, hoje, tenham o mesmo *nome em português*, e os Karitiana procuram ativamente evitá-lo: um casal esperando um bebê vai, recordando todos os Karitiana

organização em bandos alegres e ruidosos, e a capacidade de falar) que podem ser índice desta aproximação. Pequeninos, os periquitos estariam por demais distantes dos humanos, e em larga medida alheios a eles (a nomação dependendo, talvez, da intensidade da relação estabelecida entre animal e seu *dono*, por opção individual); o mesmo penso poder dizer dos poucos quelônios (tracajás e jabutis) eventualmente criados.

⁵ A maior parte dos nomes pessoais, contudo, não parece ter um significado, e os Karitiana, se perguntados, dizem que “*é só um nome*”.

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

atualmente vivos, procurar um nome que não seja usado por mais ninguém; ao que parece, os nomes em língua portuguesa jamais se repetem, mesmo se seus portadores antigos já tenham falecido: recolhendo todos os nomes recordados pelas narrativas dos primeiros tempos do contato – quando os nomes em português começam a aparecer – não se encontram nomes idênticos para dois indivíduos, vivos ou mortos. Nem que a diferença seja dada por diferentes combinações, uma vez que alguns Karitiana possuem nomes compostos, e alguns até mesmo adotaram sobrenomes dos não indígenas com quem estabeleceram relações nos anos iniciais do contato permanente (por exemplo, o pajé Cizino Dantas Moraes Karitiana), por razões que me escapam. A individualização produzida pelos ‘*nomes em português*’ é também alcançada pelo largo uso de *apelidos* – alguns Karitiana têm mais de um –, que lançam mão de palavras tanto em português quanto em Karitiana. Os apelidos em geral destacam características físicas ou psicológicas ou fazem referência a eventos da história da vida dos indivíduos; são, além disso, com frequência engraçados ou prestam-se a jogos de palavra jocosos (Villar 2012 e 2013).

O sistema onomástico Karitiana parece combinar, então, características dos dois modelos definidos por Eduardo Viveiros de Castro (1986: 151-155; 384-390) para as práticas de nominação nas terras baixas da América do Sul. Com efeito, este autor denominou de *endonímicos* (ou *centrípetos*) os sistemas que se baseiam em um estoque restrito de nomes que são mantidos no interior dos grupos e herdados perpetuamente, garantindo a continuidade desses mesmos grupos uma vez que os nomes designam relações sociais e remetem à ordem social, possuindo funções classificatórias: exemplos paradigmáticos, os nomes Jê não individualizam, mas conectam os indivíduos a uma ordem social pré-definida. Ao contrário, nos sistemas que o mesmo autor definiu como *exonímicos* (ou *centrífugos*, e ainda *canibais*), os nomes vêm sempre do exterior – dos animais, dos inimigos, dos mortos ou dos deuses – e há uma ênfase na aquisição individual dos mesmos e na sua não transmissibilidade: aqui, os nomes efetivamente individualizam seu portador; estes seriam os sistemas característicos dos povos de língua Tupi.

Assim sendo, o sistema Karitiana (um grupo Tupi) estaria a meio caminho de ambos os sistemas – organizados, como sugere Viveiros de Castro, mais em um *continuum* entre dois polos do que em dois grupos separados – ao apresentar características tanto endonímicas quanto exonímicas⁶. Não obstante, ainda que se possa sugerir que os *apelidos pessoais* cumprissem esta função no passado, o sistema, antes do contato, era endonímico, como apontam os próprios Karitiana, baseado no estoque de nomes repetidos em gerações alternadas. É a chegada dos brancos e seus nomes em português (a partir dos anos de 1960) que instaura a exonímia entre os Karitiana: a pessoa passa a ter dois nomes, um que repete o de seu avô paterno (e o renova) e outro que a individualiza, função precípua da onomástica lusófona contemporânea (cf. DaMatta 1987; “o nome europeu *individua*”, cf. Pina-Cabral 2008: 258, grifo no original). Note-se que é pela *individualização*, portanto, que a sociedade Karitiana entra numa *história quente*: à repetição contínua da estrutura social via repetição de quantidade limitada de nomes interpõem-se a aquisição de nomes pessoais individuais coletados no exterior, no mundo dos brancos. O conjunto finito de pessoas renovando perpetuamente seus antepassados é contrabalançado, hoje, pela procura pela radical individuação: os nomes na língua portuguesa, como vimos, jamais se repetem, e, em termos maussianos, a *persona(gem)* deixa de se confundir com o *self*, mais semelhante à noção de pessoa moderna e ocidental (Mauss 2003[1938]). A história (história “quente”, no sentido lévi-straussiano, que fique bem claro), portanto, vem de fora, com os nomes dos brancos e suapredileção – talvez, por razões de estado, política e burocracia (cf. Pina-Cabral 2010a) – pela individualidade da pessoa. Da mesma forma, os animais vêm de fora: das florestas, no caso dos xerimbabos nativos, ou das cidades, no caso destes seres introduzidos pelos colonizadores não índios. Juntos destes vêm, também, seus nomes.

⁶ Noto que, ao contrário dos sistemas onomásticos Jê, os nomes Karitiana não estão vinculados a posições ou a papéis sociais. No entanto, Odair Giraldim (2011: 225-228) mostra que os Apinayé fazem dos nomes em português um uso muito semelhante ao dos Karitiana: uma busca ativa por nomes “aportuguesados” (como os denomina o autor) para nomear crianças recém-nascidas e a não transmissão destes nomes seguindo o sistema tradicional, de avô para neto.

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

* * *

Mesmo que espelhe a forma de conferir nomes aos humanos, o sistema onomástico dos animais de criação, contudo, é diferente. Alguns deles recebem nomes, mas os padrões de nomenclatura animal são menos complexos: como me afirmou, certa vez, Valter Karitiana, “*cachorro não é gente, a gente chama [dá nome] de qualquer jeito*”. Cada animal porta apenas um nome, e não possuem apelidos; a maioria dos nomes está em língua portuguesa ou, melhor dizendo, são extraídos do universo cultural dos brancos, embora haja alguns poucos nomes em língua Karitiana; e eles nunca recebem nomes nas duas línguas. Tal como entre humanos, os Karitiana parecem querer evitar que dois animais coetâneos tenham o mesmo nome, mas certas denominações aparentemente são reutilizadas quando da morte do animal portador, muito em virtude de preferências pessoais dos “donos”: por exemplo, Antonio Paulo deu o nome de *Preta* a uma cadelinha que adotou logo após sua homônima ter sido ferida fatalmente por um quati; da mesma forma, Mauro tinha um cachorro chamado *Saúde*, morto há algum tempo, mas seu nome foi reutilizado em um cachorro de Júlia, sua mãe, que apreciava o nome. Não disponho, entretanto, de dados que sugiram a possibilidade destes homônimos serem pensados pelos Karitiana como “renovações” uns dos outros.

O conjunto de nomes de animais de criação nativos/selvagens (isto é, retirados da floresta) que coletei está reproduzido na tabela I, abaixo, separado por espécie. Note-se que estão elencados todos os nomes registrados, e não apenas os daqueles seres que viviam na aldeia durante os períodos de pesquisa de campo⁷ (2003, 2006 e 2009, com uma rápida passagem em 2011).

⁷ Não consegui obter os nomes de muitos dos animais, especialmente daqueles que vagavam pela aldeia todo o tempo, como é o caso das araras. Ausências relativamente frequentes dos *donos* também limitaram este levantamento, pois os animais de criação quase sempre são levados juntos quando suas famílias deixam as aldeias.

Tabela I: nomes de animais de criação nativos

Espécie	Nomes
Macaco-prego	<i>Chiquinho, Chico, Capítano</i> (Capitão? Capítulo?)
Macaco-Barrigudo	<i>Negofalba</i> (?)
Macaco-Aranha	<i>Keith</i>
Quati	<i>Boba, Djei</i> (?)
Anta	<i>Bob</i>
Papagaio	<i>Loro, Ed, Marina</i>
Arara	<i>Rosa, Janete</i>
Periquito (curica)	<i>Careca</i>

A maior parte dos nomes da tabela acima parecem ser nomes pessoais humanos, e mesmo quando se referem a uma possível característica física (*Careca*), podem ter sido escolhidos a partir de personagens populares assim apelidados (neste caso particular, um jogador de futebol). Desconheço o significado de três dos nomes (*Capítano*, *Negofalba* e *Djei*), mas observo que sua grafia é tentativa, posto que as pessoas que forneceram os nomes não puderam escrevê-los; o que eu tentei aqui foi aproximar a escrita da forma como ouvi os nomes da boca dos informantes, e o mesmo vale para vários dos nomes “obscuros” listados nas tabelas aqui reproduzidas. Não parece haver, por fim, distinções que separem nomes por grupos/classes/espécies (ou “tipos”, como dizem os Karitiana) de animais.

O que já podemos observar aqui, entretanto, é a predominância massiva de nomes provenientes da língua portuguesa ou do universo dos brancos: todos os nomes que coletei para os animais familiares nativos (com a duvidosa exceção de *Djei*) são desta natureza. Lamentavelmente, não tenho informações sobre a nominação dos animais antes do contato, pois os Karitiana não se recordam destes. É muito provável, contudo, que os animais de companhia fossem individualizados com nomes próprios na língua nativa, tal como se passa em outros povos indígenas.

Vejamos, agora, os nomes próprios dos animais de espécies introduzidas pós-contato:

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

Tabela II: nomes de outros animais de criação introduzidos

Espécie	Nomes
Gato	<i>Xana, Négo, Seu-nome, Bigode, Ispai (Spy?), Iskai (Sky?)</i>
Burro	<i>Gonguinho, Empenado</i>
Égua	<i>Babalú</i>
Coelho	<i>Carlota, Bidu, Carolina</i>
Porco	<i>Landrassé (?), Dorok (?), Piau, Jou (Joe?)</i>

Este grupo apresenta bem menos nomes pessoais, humanos (exceção feita aos coelhos). Alguns nomes dos gatos evocam nomes comumente empregados entre os brancos (*Bigode* e *Xana*, corruptela de *bichano(a)*, forma comumente empregada para referir-se aos gatos na cidade), e há um nome (*Seu-nome*) dos que os Karitiana chamam *engraçados* que, inclusive, aparece também como denominação de um cão. Vários desses nomes, penso, podem ser atribuídos a personagens de telenovelas e filmes, e mesmo a palavras ouvidas durante o consumo desses audiovisuais (*Ispai/Spy, Iskai/Sky, Babalú*, nome de uma conhecida goma de mascar e de uma personagem de telenovela muito popular nos anos de 1990). Meus dados são exíguos, mas permitem vislumbrar um sistema onomástico análogo ao dos cães: nomes em língua portuguesa, nomes humorísticos ou irônicos e que fazem referência à cor (característica física) e, detalhe crucial, ao universo dos brancos.

A ambiguidade de gatos e porcos se revela, porque nem todos os indivíduos dessas espécies são nominados. De acordo com Elivar, nem todos os gatos recebem nomes. Epitácio, por exemplo, criava dois animais que não tinham nomes, e acabaram mortos por cachorros. Penso que o pequeno rendimento simbólico dos gatos – alimentado pelo fato da maioria dos Karitiana afirmar francamente que não gostam deles – deve dar conta deste desinteresse onomástico. Quanto aos porcos, observa-se que dos nove animais de John, apenas três possuem nomes, e dos três da residência de Rogério, só um é nomeado; Rogério afirma, ainda, que os três animais atendem ao mesmo nome (*Jou/Joe*). Talvez o estatuto ambíguo dos porcos – animal de criação, mas potencial refeição (porque são associados aos queixadas e *caititus* nativos, presas

apreciadas, e ambas referidas em português como “*porcos*”⁸ – explique, aqui, porque se hesita em nomeá-los.

Minha maior coleção é a dos nomes caninos, na qual a diversidade de opções e escolhas transparece com clareza:

Tabela III: os nomes dos cães Karitiana

Critério de nomeação*	Nomes
Origem	<i>Marreteiro</i> .
Cor	<i>Preta, Pretinha, Preto, Pretão, Branquinha, Café</i> .
Características morfológicas	<i>Barbudinha, Pequeninina, Korodeto</i> (“cotoco”, remete ao rabo pequeno do animal), <i>Boquinha, Perobo</i> (“ <i>umbigo grande</i> ”, pois o animal tem um quisto na barriga), <i>Bico</i> (?).
Nomes pessoais	<i>Dita, Marlon, Mairon, Simone, Roni, Jenifer, Soromina</i> (foi me dito que se trata de um nome pessoal), <i>Miro, Nicolau</i> .
Personagens do cinema e da TV	<i>Betoven, Kong, Scooby-Do</i> .
Nomes comuns de cães (da cidade)	<i>Príncipe, Prince, Rec</i> (Rex).
Onomatopéia	<i>Hãjhãj</i> (remete aos seus latidos quando caça cutias).
Nomes “ <i>engraçados</i> ”	<i>Caturma, Saúde, Seu-nome, Sem-nome</i> .
Animais	<i>Pantera, Lobio</i> (Lobo?), <i>Lubi</i> (Lobo?), <i>Tigre, Torowoto</i> (lit. “ <i>onça preta</i> ”).
Outros	<i>Caco, Txuca, Pop, Bazuca, Dog, Faite</i> (fight?), <i>Pitu/Pito</i> (marca de cachaça), <i>Sypo</i> (“ <i>caroço</i> ”), <i>Faiter</i> (Fighter?), <i>Pipo, Guerreira, Garavina</i> (Carabina?), <i>Massangrano</i> (rio Massangana?).
?	<i>Huni/Runi, Fefeto, Betoco/Metoco, Seuvarina/Selvarina, Gravira, Stoven</i> .

* Estes critérios foram definidos por mim, com base nas explicações dadas pelos Karitiana a respeito dos nomes dos cães: quer dizer, os Karitiana não sustentam esta tipologia, e nem parecem interessados em fazê-lo. O critério “*nomes engraçados*” é Karitiana, mas tampouco parece constituir uma categoria definida e discreta, muito porque é altamente contextual (por exemplo, aplicar um nome pessoal a um cachorro pode ser extremamente *engraçado*). O critério “*outros*” agrupa nomes identificáveis, mas o universo de onde foram retirados me é inacessível. O último critério da lista apresenta nomes dos quais desconheço completamente o significado e a origem. Problemas de transcrição podem estar envolvidos, conforme já alertei. O acesso a novos dados podem alterar e refinar substancialmente esta tabela.

⁸ Não que eu tenha observado porcos da aldeia serem abatidos para consumo: apenas na minha terceira visita havia porcos em *Kyōmã*, e baseei minhas informações no que diziam os Karitiana a respeito deles, ou seja, que porcos são criados para serem comidos. Isso contrastaria com o que ocorre com a maioria dos animais criados pelos Karitiana: familiarizados, eles são só muito raramente abatidos e consumidos (ver Vander Velden 2012, cap. III).

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

Numerosos detalhes precisam ser discutidos a partir desta primeira aproximação aos nomes caninos, ressaltando-se que os Karitiana, quando questionados, raramente explicitam os critérios de nomenclatura, salvo quando são autoevidentes, como no caso das cores. Estes, aliás, são bastante comuns, sendo habitualmente transferidos após a morte dos animais: Antonio Paulo e seu filho Antonio José dizem que os melhores cachorros caçadores são pretos, e que recebem nomes que fazem referência a coloração da pelagem; não obstante, notemos que apenas duas cores – preto e branco – são empregadas como nomes. Desconheço por qual razão: talvez o reconhecimento de que cães pretos são bons caçadores justifique a escolha frequente da cor (e de alguns variantes, como *Café*; em Karitiana café se diz *e’se emo, água preta*) para nominar cães; recordemos, além disso, que a memória destaca que o primeiro cão, *Marreteiro*, era branco, o que sugere que a coloração da pelagem é um critério observado pelos Karitiana. Outras características morfológicas são utilizadas na nomenclatura, como tamanho (*Pequenina*), formato da cauda (*Korodeto*, que significa “cotoco”, porque abanava o rabo amputado quando entocava pacas nos buracos escavados pelo animal), o formato dos “bigodes” (*Barbudinha*) ou um sinal particular (*Perobo*, por causa de um quisto na parte baixa do ventre).

As escolhas também podem remeter ao uso de caracteres comportamentais do animal na atribuição de nomes, todos eles relacionados com a caça: Epitácio, que deu o nome a uma de suas cadelas, diz que cães com muita *barba* (com pelos abundantes no focinho) são bons caçadores. Os nomes que agrupei na categoria “animais” também podem ser agregados aqui, em função da associação entre os cães e certos carnívoros amazônicos, associação feita a partir da ferocidade e das habilidades venatórias de uns e outros: a palavra para *cachorro*, na língua Karitiana (*obky by’edna*), traduz-se literalmente por *onça* (*obakɣy*) doméstica, de criação (*by’edna*). Destarte, cães chamados *Pantera*, *Tigre* (modo comum de se referir a onças no interior do Brasil), *Lobo* ou *Torowoto* (*onça preta*) são algo redundantes, pois apenas confirmam a semelhança entre cachorros e outros caçadores da floresta, além de apontarem para o talento desses animais. Da mesma forma, nomes como *Guerreira* (e, possivelmente, *Garavira*, que pode ser uma corruptela de

Carabina) evocam a eficiência dos cães na caça, o que é explicitamente reconhecido nesses dois animais em particular.

Com respeito aos poucos nomes pessoais humanos aplicados aos cães, atente-se que, ao que parece, jamais um cachorro recebe o mesmo nome de um Karitiana vivo⁹: se os cães têm nomes *de* gente, é certo que não devem portar nomes *da* gente (Sá 2013: 121-130); não posso dizer, contudo, se os nomes caninos serão checados no momento de nomear uma criança, evitando-se, assim, a homonímia, tal como ocorre entre humanos. De fato, parte desses nomes pessoais parece ter sido tirada de personagens de programas de televisão ou de filmes, produtos que os Karitiana consomem à exaustão, na cidade e nas aldeias. *Marlon*, por exemplo, é o cachorro de um personagem do cinema (*O Máskara*). Vários nomes podem ser comprovadamente rastreados na programação televisiva ou no cinema: *Scooby-Do*, *Kong* (do gorila *King Kong*?) e *Betoven*, cachorro-título de uma série de filmes norte-americanos (*Beethoven*)¹⁰. Vários outros nomes podem ter sido extraídos de fontes audiovisuais, como *Dog*, *Pop*, *Bazuca* ou *Faite* e *Faiter* (talvez do inglês *fight*, “luta” ou “briga”, e *fighter*, “lutador”), tendo-se em mente que os Karitiana – especialmente os rapazes – são ávidos espectadores de filmes de ação.

Os nomes próprios dados aos cães também podem estar vinculados aos nomes que os Karitiana dizem *engraçados* e, nesse sentido, parecem apresentar semelhanças com os *apelidos* conferidos aos humanos – formas de brincar com algo, semelhante àquilo que Villar (2012: 168-171) chama de “*humor onomástico*”. Parece ser comum a prática de se fazer ‘brincadeiras’ com a atribuição dos nomes aos cães obtendo-se, assim, efeitos jocosos. Vários nomes *engraçados* de cães extraem seu conteúdo humorístico de contextos dialógicos, em que a resposta à pergunta pelo nome do animal cria um mal-entendido linguístico: *Saúde*, por exemplo, é o que se diz quando uma pessoa espirra; *Caturma* é, provavelmente, uma contração da expressão *com a turma*; *Sem-nome* confunde o interlocutor; e *Seu-nome* causa reações hilariantes aos índios quando desconcertam as

⁹ O que talvez não seja a regra para outros animais de criação, pois uma das araras de Antônio José, *Rosa*, tem o nome de uma das esposas de Epitácio.

¹⁰ É possível que *Stoven* e *Betoco/Metoco* sejam corruptelas de *Betoven/Beethoven*.

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

pessoas que perguntam, inocentemente tal como o etnógrafo, pelo nome do animal¹¹.

De vários nomes dos quais desconheço a origem ou o significado, é possível dizer, apenas, que parecem corruptelas de outros nomes ou de palavras retiradas do mundo dos brancos: *Massangrano*, por exemplo, talvez evoque o rio Massangana, um afluente do Jamari, no território antigamente habitado pelos Karitiana, a leste da terra indígena atual; ou, talvez, o seringal Massangana, situado nas margens daquele rio (Medeiros 2004: 202); pode ser homenagem saudosista, pois nomeia um dos cães de um dos Karitiana atualmente mais idosos.

Assim, afora, talvez, os nomes que evocam características morfológicas ou comportamentais, a maioria dos nomes de animais de criação entre os Karitiana parece originária do *universo cultural dos brancos*, sobretudo urbanos, o que inclui o emprego majoritário de *nomes próprios e de palavras comuns na língua portuguesa*: é de notar que os nomes na língua Karitiana são relativamente pouco utilizados, e nunca se usa um nome pessoal em uso por um Karitiana – seja em português, seja do estoque reduzido na língua indígena – para nomear animal mascote. De certo modo, mesmo os nomes que sinalizam características do animal podem ser ditos provenientes do mundo exterior, uma vez que se emprega, em quase todos, o português como a língua de nomeação.

* * *

Ainda que poucos autores tenham publicado registros de nomes próprios dos muitos animais domesticados que observaram nas aldeias indígenas, uma pequena incursão pelas etnografias – que tratam majoritariamente dos cachorros – pode iluminar alguns pontos.

Entre os Toba do Chaco central argentino, apenas cavalos e cães são nomeados. Estes últimos recebem nomes na língua Toba ou em castelhano, tais como “Yuto” (nome de um povoado na província argentina de Jujuy?), “León” (leão), “Chiquito” (pequeno) e “Corbata” (gravata) (Arenas 2003: 128), mas a autora não fornece detalhes sobre a

¹¹ Ver Brandes (2012: 11-12), para brincadeiras e confusões análogas nos nomes caninos norte-americanos.

origem dos nomes nem sobre o sistema onomástico e sua curta lista infelizmente não nos permite maiores considerações.

Os Ávila Runa na Amazônia equatoriana “*tend to adopt the dog names that colonists use*” (Kohn 2007: 11) o que, de acordo com o autor, é um indicador de como os cachorros constituem “*links to a broader social world*” que compreende índios e brancos, e que é mantido, também, pela prática constante de se trazer cachorros das zonas urbanas para as aldeias. Como vimos, boa parte dos nomes para cães entre os Karitiana também evoca o exterior, o mundo dos brancos.

A análise de Diego Villar é um pouco mais aprofundada. Com efeito, o autor aponta que “*los nombres personales y (...) los nombres de animales [são] partes de um mismo sistema*” entre os Chané no Chaco boliviano, com exceção dos nomes caninos, que remetem quase todos ao plano extraonomástico, pois “*quiebran la reciprocidad y niegan la reversibilidad onomástica*” (Villar 2005: 496). Isso porque, se pessoas recebem nomes de animais, e as outras espécies de criação (gatos, porcos e papagaios) recebem nomes humanos, os cães são exceção, pois seus nomes são únicos, e não são utilizados para nomear humanos. Villar (2005: 496-497) distingue três qualidades de nomes; embora longa, a citação é deveras interessante:

“Primeiro, os nomes dos cães são nomes em espanhol. Segundo, trata-se de nomes claramente humorísticos, impostos em geral com alguma intenção irônica. Esta última faceta surge claramente nas explicações que os mesmos Chané dão para suas eleições onomásticas. Alguns nomes resultam, para o observador, idiossincráticos e até arbitrários: ‘Osa’ [Ursa] carece de características marcadas, e ‘Estúpida’ rememora para sua dona uma antiga disputa com seu irmão. Entretanto, outros nomes objetivamente refletem alguma característica física: ‘Tigrera’ deve seu nome a suas listras, que de acordo com seu dono tornam-na semelhante a um tigre [onça]; ‘Mordelo’ [de morder], a seu mau caráter; e ‘Pulgosa’, ‘Sarnosa’ ou ‘Flaca’ a seus evidentes estados físicos. Em outros casos, o nome procede de uma simples inversão: ‘Gordo’ é extremamente magro, e ‘Precioso’ manca sem remédio, pois por causa de um acidente deve caminhar com apenas três patas. Finalmente, nomes como ‘Cual?’ parecem destinados a deixar desconcertados a quem – como o etnógrafo – molestam os Chané perguntando coisas como os nomes de seus cachorros” (minha tradução).

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

O autor lembra, em seguida, que a tendência à nomenclatura em espanhol e o “*humor onomástico*” não são patrimônio exclusivo dos Chané. Sublinhemos, então, que o mecanismo de nomenclatura de cães entre os Chané, apresentado por Villar, é notavelmente semelhante ao dos Karitiana: nomes na “língua do branco”, nomes humorísticos, nomes inspirados em características físicas e comportamentais dos animais (ou em jocosas inversões destas), nomes caninos que nunca se tornam nomes humanos e vice-versa. Villar (2003: 504) sugere que os modos de se nomear os cachorros guardam relação com a representação que os Chané fazem da espécie. Assim, ele observa que as características que distinguem humanos e cães são as mesmas que separam os brancos dos índios e, deste modo, impõem uma analogia, na situação pós-contato – de pobreza, traição, violência, opressão e doença –, entre os Chané e os cachorros: “*el perro es al chané como el chané es al blanco*”. Se cachorros recebem nomes que não servem para os humanos, este mecanismo problematiza a identidade que os Chané percebem entre sua trajetória de sofrimentos diante dos brancos e a trajetória dos cachorros domésticos que vivem entre eles. De modo correlato, as agressões aos cães seriam, elas também, tentativas de expiação desta relação: castigar o cão implica em, metonimicamente, rejeitar de forma violenta o destino imposto aos índios pela presença destrutiva dos brancos¹².

Os nomes humorísticos por seu turno, ainda segundo Villar, teriam a função de amenizar, através da ironia, “*la amarga lección que enseña el perro*”, de outro modo insuportável. De minha parte, penso que os dados Karitiana não são conclusivos quanto a este ponto, sobretudo porque me parece que esta espécie de transferência de sentidos entre

¹² Escrevendo sobre os Teenek, no nordeste do México, Ariel de Vidas (2002: 535ss.) desenvolve argumento semelhante, constatando que maltratar cães seria uma manifestação da revolta dirigida contra a sociedade não indígena, majoritária e exploradora, posto que o cão encarna a trágica história da conquista. Sou um pouco cético acerca deste tipo de interpretação, sobretudo porque os Karitiana nunca deram indicações de que destilam seu ódio aos brancos por meio dos cães: primeiro, porque eles não odeiam os brancos e, segundo, porque se o cachorro enquanto espécie foi introduzido, os animais individuais estabelecem relações concretas e particulares com pessoas ou famílias, relações cujo conteúdo vai muito além de uma situação de “bode-expiatório”.

cães, índios e brancos não existe ali: ao contrário, os Karitiana não só não parecem se enxergar nos seus cães, como creio que eles, acima de tudo, pensam-se como brancos, condição que teriam perdido ao longo da história que transcorreu após o evento mítico que separou os dois grupos devido a uma ação desastrada dos antepassados dos índios (ver, a respeito, Vander Velden 2008).

Carneiro da Cunha (1978: 25) revela que entre os Krahó os animais criados (não comidos) recebem nomes, com exceção das galinhas, e estes apresentam uma característica semelhante ao material Karitiana: embora as regras de nomeação dos animais sejam as mesmas daquelas que regem a nomeação de humanos (quem nomeia não é o dono, mas um nomeador da mesma casa, e da mesma geração, ou geração superior, da do dono; o nome é posse do nomeador), os *pets* recebem *apenas um nome*, e não a série de nomes que particulariza os indivíduos humanos, e que garantem o pertencimento destes às diferentes instituições no interior da sociedade. Isso talvez indique que uma única relação – aquela entre animais e seus donos – defina os mascotes e oriente as condutas para com eles, o que se deixa transparecer nas práticas funerárias: apenas as mulheres choram os cães mortos, os homens sequer comparecem ao funeral. A prática Krahó de nomeação dos mascotes é explicada pela afirmação da autora: “*os animais domésticos (...) formam uma categoria de transição entre o selvagem e o social*” (Carneiro da Cunha 1978: 25, n. 5).

A esta conclusão também chega Jean-Paul Dumont (1977) no seu estudo sobre a função fática dos nomes entre os Panare. O autor afirma que, neste grupo Karib na Venezuela, apenas seres humanos, corpos celestes e cães recebem nomes¹³. Isso, sugere o autor, decorre do fato de que se os corpos celestes estão na fronteira entre cultura e sobrenatureza, os cachorros operam a dobradiça entre a cultura e a natureza: com efeito, os cães são seres ambíguos, irrupção da natureza no universo cultural dos homens. Desta forma, nomear os cães permite que os humanos se comuniquem com o domínio perigoso da natureza (daí a função fática

¹³ Os nomes dos cachorros aparentemente não têm significados, não dependem do sexo do animal, formam um conjunto aberto, e são privados: dois cães de donos diferentes podem ter o mesmo nome porque apenas o dono sabe e utiliza o nome de um cachorro.

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

dos nomes), assim como dar nomes às estrelas permite conectar-se com o sobrenatural: a individualização, nos dois casos, permite alguma relação onde há, de fato, incomunicabilidade. Esses dois conjuntos de nomes contrastam com os nomes pessoais humanos – “*puros nomes próprios*”, diz o autor (Dumont 1977: 95) –, assim delimitando-se fronteiras entre a ordem cultural e os domínios distantes e distintos da natureza e da sobrenatureza.

Alguns dados complementares – infelizmente fragmentários – de outras populações indígenas nas terras baixas parecem confirmar algumas regras gerais: nomes estrangeiros (originados do mundo dos brancos), jocosos, depreciativos ou extraídos do universo dos humanos, mas que descrevem características do animal, físicas e comportamentais. Crocker (1985: 32) menciona um cão chamado “*Preguiçoso*” entre os Bororo, e acrescenta: “*Mas seus nomes [dos cães] são comparáveis aos apelidos dos humanos, e são mesmo marginais em relação a estes, pois a maior parte deles provêm da língua e dos costumes dos brasileiros*” (minha tradução).

Dados interessantes provêm dos Xikrin do Bacajá, estudados por Clarice Cohn (2005: 92-95), que observa uma diferença marcante entre as lógicas de nominação dos animais retirados da floresta e socializados nas aldeias e aquela dos seres trazidos pelos brancos, especialmente os cães: enquanto os primeiros “*recebem um nome que os singulariza, vem de uma linha de transmissão e faz parte de um patrimônio onomástico*”¹⁴, aos últimos cabem apenas nomes conferidos pelos “*brancos*” ou “*apelidos descritivos*”, o que parece retirá-los da lógica de nominação dos animais nativos familiarizados, ainda que as atitudes para com uns e outros não pareçam diferir tanto (Cohn 2005: 92, n. 44), o que sugere que a “*humanização*” (conforme denomina a autora) desses seres não esteja vinculada aos nomes pertencentes ao “*patrimônio onomástico*” Xikrin.

Por fim, Hugh-Jones (2002: 50; 64, n. 6) afirma que, entre os grupos Tukano no alto rio Negro, cães e onças – além de seres humanos – possuem nomes pessoais. Os nomes atribuídos aos cachorros (e às onças, sugerindo a frequente associação entre esses dois seres na Amazônia) tanto podem ser “*idiossincráticos e derivados de características físicas e comportamentais*” do animal (tais como o nome Barasana *Ohari*, de *õha-*,

¹⁴ Ou seja, vem de um “*estoque de nomes pessoais*” das casas (Cohn 2005: 94).

“cinza”) quanto podem ser provenientes de uma classe especial de “*nomes verdadeiros (e frequentemente intraduzíveis) de cão/onça*”, tais como *Tupari* ou *Yaima*, sugerindo uma combinação entre individuação e recorrência similar aos modos de nomenclatura indígenas que, atualmente, transitam entre os nomes tradicionais nas línguas nativas e os nomes em português trazidos com a história do contato.

Roy Ellen (1999: 63, minha tradução) observou, entre os Nuaulu em Seram (Indonésia), que os nomes próprios dos cães – único animal que os recebem – constituem “*um tipo de paródia deliberada dos nomes humanos, desta forma destacando sua identidade com humanos por meio da posse de nomes (estrutura) ao mesmo tempo em que deixando claro, a partir dos próprios nomes (conteúdo), que a identidade está longe de ser completa*”. Isso faz com que os cães sejam concebidos como seres ambíguos, oferecendo “*clara linha de demarcação entre os humanos e os mundos sencientes não humanos*” (Ellen 1999: 66, minha tradução). Os nomes caninos entre os Karitiana parecem partilhar dessas características: diferentes dos nomes humanos – mesmo que sejam nomes *potencialmente*, mas nunca *atualmente*, humanos – eles criam *individualidade* sem permitir, contudo, que um e outro domínio se misturem. O fato de os cães receberem apenas um nome próprio – e não dois, um Karitiana e um em português, como os humanos – também parece sugerir que os cães são como que humanos em escala reduzida, atenuada.

* * *

Lévi-Strauss (1997 [1962]: 228-233) demonstrou que o sistema de nomenclatura dos animais domésticos (aves, cães, bois e cavalos) na sociedade ocidental contemporânea apresenta (no caso, a França da década de 1950) notável coerência. Para este autor, uma vez que os cachorros fazem parte da sociedade humana – estando, com ela, portanto, em relação *metonímica*, a “sociedade” canina como parte da sociedade dos humanos –, os nomes aplicados a eles procedem de uma série especial, distinta dos nomes próprios humanos, mas paralela a esta – justamente por proceder à *individualização* dos animais – estando com ela em uma relação *metafórica* (de semelhança). Cães, portanto, seriam *humanos metonímicos*: nomeados como os indivíduos humanos (com nomes

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

próprios e diferenciadores), mas “*sem vida social própria, eles fazem parte da nossa*” (Lévi-Strauss 1997 [1962]: 232).

Segundo Lévi-Strauss, o conjunto dos nomes dos cães no mundo euro-americano assemelha-se, formalmente, aos prenomes humanos: eles servem à constituição de individualidades. Não obstante, é muito raro que ambos os conjuntos se confundam, uma vez que os nomes caninos “*raramente sejam usados por humanos comuns*” (Lévi-Strauss 1997[1962]: 232). E isso por uma razão: “*nós não sonharíamos, seguindo o exemplo de alguns australianos e ameríndios, chamá-los como humanos, quer se tratassem de nomes próprios ou de termos de parentesco*” (Lévi-Strauss 1997[1962]: 230). Ou seja, diferentemente de povos espalhados por outras partes do mundo, os europeus recusariam uma associação completa com os cachorros: a sociedade destes estaria imersa na daqueles, mas os nomes destes marcariam sua diferença radical em relação àqueles.

É certo que a “sociedade” canina faz parte da sociedade humana entre os Karitiana. Mas a série de nomes caninos parece conectar-se, em vários momentos, com a série de nomes humanos: em primeiro lugar, e principalmente, porque a individualização de humanos e de cães advém do mundo e da língua dos brancos. Além disso, alguns cães (e vários outros animais) portam nomes pessoais humanos (mas não Karitiana). E, por fim, é possível que surja uma homologia entre o conjunto dos nomes dos cachorros e o conjunto de *apelidos* aplicados aos homens, às expensas dos nomes próprios: engraçados ou denotativos de caracteres físicos ou comportamentais, uma mesma série talvez esteja sendo empregada para individualizar animais e humanos, questionando as diferenças entre uns e outros, a “*exemplo de alguns australianos e ameríndios*”...

A análise de Lévi-Strauss talvez deva ser relativizada nos dias de hoje, em função daquilo que Dan Kulick (2009) chama de “*dissolução das fronteiras entre as espécies*”: o fato de que animais domésticos vêm sendo cada vez mais tratados como humanos (ver também Serpell 1996). Sem dúvida que a atribuição de nomes pessoais humanos aos cães não causa, atualmente, a mesma repulsa que provocava nos franceses da primeira metade do século XX, e isso porque os animais, para além de sua individualização, parecem estar sendo paulatinamente humanizados. Tal aproximação foi notada por Stanley Brandes (2009 e 2012) precisamente nos nomes caninos nos Estados Unidos: em sua análise de nomes de

cães enterrados em um cemitério fundado em 1896, Brandes (2009) anota que é a partir dos anos de 1990 que nomes atribuídos aos cães familiares passam a ser extraídos com maior frequência do estoque de nomes normalmente aplicados aos humanos. Obviamente, esta revisão da distinção entre humanos e cachorros nas sociedades ocidentais contemporâneas tem limites. Ademais, trata-se de um processo de identificação muito distinto daquele que opera entre pessoas e seus animais de criação entre as sociedades indígenas: não creio, por exemplo, que o mecanismo de identificação entre nomes dados às crianças e nomes conferidos aos cachorros, nos Estados Unidos, como forma de humanizar os cães e comunicar, por meio deles, algo a respeito de seus pais/donos – conforme sugere Brandes (2012; 11) – seja aplicável ao caso Karitiana. Contudo, a lógica de nominação dos animais de criação entre os Karitiana parece propor uma identificação entre estes e os humanos pelo menos no plano dos nomes oriundos do exterior (dos brancos), comuns a ambos.

* * *

Entre os animais de criação nativos são comuns os nomes pessoais humanos. Penso, todavia, que o caso Karitiana contrasta com o material analisado por Loretta Cormier (2003: 114-115), ao relatar que os Guajá atribuem aos macacos de criação nomes pessoais idênticos aos dos humanos (além de empregarem termos de parentesco nas relações com seus *pets*). Disso a autora conclui que: “*Dar nomes pessoais aos macacos sugere que os Guajá consideram a natureza espiritual dos macacos como semelhante àquela dos humanos Guajá*” (minha tradução).

Nomes pessoais humanos aplicados aos animais de criação certamente elaboram um vínculo forte entre uns e outros: individualizam e expressam alguma forma de identidade transespecífica: afinal, “*criação é como filho*”, como dizem os índios. Não estou tão certo, contudo, sobre esta identidade “*de natureza espiritual*”, sobretudo porque só uma classe de nomes pessoais pode ser utilizada com animais, o que os distingue como seres de um só nome.

Os nomes pessoais humanos são menos comuns entre as espécies exóticas, como vimos nas tabelas acima, mesmo reconhecendo-se que “*cachorro*”, também, “*é como filho*”. Penso que esta diferença talvez possa

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

ser explicada pelas múltiplas ambiguidades concebidas e vividas pelos Karitiana na relação com esses seres *sem história*, conforme explorei em outro lugar (Vander Velden 2012): são filhos, mas filhos algo anômalos, sua chegada nas aldeias contrastando, em vários sentidos, com a lógica de captura de filhotes solitários na mata, que resistem ao contato com humanos e jamais se reproduzem nas aldeias. Assim, seus nomes próprios expressariam a estranheza destas novas relações estabelecidas entre os Karitiana e as espécies trazidas desde sempre domesticadas pelos brancos, “*pelas mãos dos brancos*”, como dizem¹⁵. Não obstante, a maioria maciça dos nomes dos animais familiares – nativos e adventícios – provém do exterior da sociedade Karitiana: do mundo dos brancos e da língua dos brancos.

O que se nota, portanto, nos nomes dos animais de criação entre os Karitiana, é uma forma de *exonímia*: são dos brancos, do mundo exterior às aldeias, que provem a maioria dos nomes, mesmo dos animais nativos familiarizados: afinal, as aldeias não passam de um *ponto médio* entre a alteridade situada nos dois extremos, a cidade, de um lado e, do outro, a floresta que são, assim, paralelizados (cf. Kohn 2002). Da mesma forma que os brancos nomeiam os Karitiana atuais¹⁶, singularizando-os radicalmente (porque os nomes pessoais na língua Karitiana formam o estoque finito e repetitivo que atualiza os “*ens renovados*”), eles também nomeiam seus animais de criação. Cria-se, pois, a individualidade onde reinava indistinção: os animais do mato – e

¹⁵ Isso talvez explique, a contrário, o fato de que os coelhos portem nomes pessoais humanos. Eles eram os únicos animais introduzidos que permaneciam fechados em uma gaiola, pois, de outro modo, escapariam para a floresta (o que, parece, acabou acontecendo posteriormente). Assim, portavam-se tal qual os espécimes recolhidos na mata, que precisam ser amansados, e com frequência permanecem presos em correntes ou caixas. Esta semelhança permitiu que Valter, seu dono, nomeasse-os seguindo a mesma lógica aplicada aos animais nativos. Isso talvez explique, ainda, por que não há uma palavra na língua Karitiana para o coelho. Cães, gatos e equinos jamais são presos, pois nunca fogem. Os porcos precisam ficar cercados, mas meus dados não permitem maiores inferências.

¹⁶ Pelo menos desde os tempos de João Capitão e Antônio Moraes, líderes dos primeiros Karitiana a terem contato permanente com os colonizadores nos anos de 1950.

também aqueles da cidade, que nenhum Karitiana reconhece como *seu*, incluindo os cães e gatos que passeiam pela Casa do Índio, bem junto aos humanos, mas que são “*da rua*”¹⁷ – não têm nomes próprios, os da aldeia têm.

Mas se esta exonímia é parcial no caso dos humanos (que possuem dois nomes, um “*na língua*” e outro em português), ela é total no que concerne aos animais: todos têm apenas um nome, em português (quase todos) ou em Karitiana (poucos)¹⁸. Assim, se a onomástica dos humanos permite, potencialmente, a reconstrução de genealogias a partir da repetição dos nomes nas gerações alternas e, assim, constituir uma memória dos antepassados¹⁹ – isto é, meu nome é o nome do meu avô, porque eu sou meu avô renovado – isso não ocorre com os animais de criação: *eles não têm genealogias*. Se as linhas sugeridas pela retomada dos nomes na língua Karitiana criam nexos entre os vivos e os que viveram, os nomes em português desaparecem com a morte de seu portador, e seu retorno não parece ocorrer: as listas de nomes em português recordados não apresentam repetições, recorrendo-se, para dar conta de uma população que aumenta ano a ano, a nomes compostos e a combinações curiosas, inventivas e virtualmente irrepetíveis, bem ao gosto popular do interior brasileiro – incluindo-se os ‘*nomes seriados*’ (Viegas 2008); o esforço pela não repetição das escolhas onomásticas dos outros na nomeação dos filhos (Pina-Cabral 2008, 2010b: 334-335; 2012) e mesmo as brincadeiras com nomes próprios (Harris 2008: 219-220).

¹⁷ Quer seja: o que não tem *nome* não tem *dono*, e vice-versa.

¹⁸ Observo que dos cinco cães que têm nomes na língua indígena, quatro (*Korodeto*, *Hājhāj*, *Torowoto* e *Sypo*) pertencem a Cizino e seu genro Roberto, e viviam na aldeia nova do rio Candeias. Isso me faz lembrar a “utopia nativista” do pajé Cizino, ao retornar para o território tradicional Karitiana e lá reconstruir o modo de vida dos antigos (cf. Vander Velden 2010). Se não deu para viver sem cachorros (como queria o pajé), pelo menos eles receberam nomes na língua Karitiana: resgate atenuado, pois, do passado.

¹⁹ Isto é, pelo menos dos parentes em G+1. A repetição dos nomes dos avós nos netos permite, sobretudo, a repetição das relações sociais a cada duas gerações, o que deve ter implicações no regime de historicidade Karitiana, algo que pretendo investigar no futuro. Se não se permite a constituição de uma ‘memória’, propriamente falando, ao menos se pode imaginar a estrutura da sociedade a cada momento do tempo.

‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.

Por outro lado, alguns nomes de animais de criação (sobretudo caninos) são repetidos, mas não há qualquer vínculo genealógico reconhecido entre seres homônimos: Antônio Paulo já teve (não simultaneamente) duas cachorras chamadas *Preta*, mas o único nexo entre elas era sua cor. Desta forma, uma vez desaparecido o animal, nada mais resta.

Os nomes, portanto, permitem vislumbrar a descontinuidade que caracteriza o universo dos animais de criação, seu fluxo necessário e constante da mata e da cidade para as aldeias. Como os seres vêm de fora, seus nomes também procedem do exterior. De todo modo, os nomes que individualizam os Karitiana também procedem de fora: é assim que os nomes pessoais em português e os nomes dos animais domésticos – via de regra, também em português, ou extraídos do universo dos não índios – sinalizam a ruptura dos Karitiana com o passado e sua entrada definitiva na história; se os nomes podem ser *história* (Ingold 2011), eles aqui rememoram a natureza exótica daquilo que vem dos brancos, e dos próprios brancos: os nomes em português (dos animais e dos humanos) *contam* a história do contato pois eles *são* a história do contato. Os animais, entretanto, sempre procedem do exterior: sejam nativos ou exóticos, vêm de dentro da floresta ou das cidades distantes. Mas, mesmo havendo mais nomes próprios humanos entre os animais familiares nativos, penso que a onomástica não permite, ao fim e ao cabo, contrastar com precisão estes com aqueles dos animais introduzidos: todos são, afinal, filhos. E as pessoas em geral dedicam bastante atenção e cuidado na escolha dos nomes para seus filhos.

Bibliografia

- ARENAS, Pastor. 2003. *Etnografía y alimentación entre los Toba-Nachilamole#ek y Wichí-Lhuku'tas Del Chaco Central (Argentina)*. Buenos Aires: Edição do autor.
- ARIEL DE VIDAS, Anath. 2002. “A dog’s life among the Teenek indians (Mexico): animal participation in the classification of self and other”. *The Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, 8: 531-550.

Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 17, volume 24(1): 2013

BODENHORN, Barbara & VOM BRUCK, Gabriele (eds.). 2006. *The anthropology of names and naming*. Cambridge: Cambridge University Press.

BRAH, Avtar. 2006[1996]. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu*, 26: 329-376.

BRANDES, Stanley. 2009. “The meaning of American pet cemetery gravestones”. *Ethnology*, 48: 99-118.

_____. 2012. “Dear Rin Tin Tin: an analysis of William Safire’s Dog-naming Survey from 1985”. *Names*, 60(1): 3-14.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1978. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krabó*. São Paulo: Hucitec.

COHN, Clarice. 2005. *Relações de diferença no Brasil Central – os Mebengokéré e seus outros*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.

CORMIER, Loretta. 2003. *Kinship with monkeys: the Guajá foragers of eastern Amazonia*. New York: Columbia University Press.

CROCKER, J. Christopher. 1985. “My brother the parrot”. In URTON, Gary (ed.), *Animal myths and metaphors in South America*, pp. 13-47. Salt Lake City: University of Utah Press.

DAMATTA, Roberto. 1976. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes.

_____. 1987. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

DUMONT, Jean-Paul. 1977. “From dogs to stars: the phatic function of naming among the Panare”. In BASSO, Ellen (ed.): *Carib-speaking indians: culture, society and language*, pp. 89-97. Tucson: The University of Arizona Press.

ELLEN, Roy. 1999. “Categories of animality and canine abuse: exploring contradictions in Nuaulu social relationships with dogs”. *Anthropos*, 94 (1-3): 57-68.

ERIKSON, Philippe. 1993. “A onomástica Matis é Amazônica?”. In VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo & CARNEIRO DA CUNHA,

- ‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.
- Manuela (ed.): *Amazônia – Etnologia e História Indígena*, pp. 323-338. São Paulo: NHII-USP/Fapesp.
- GIRALDIM, Odair. 2011. “Nomes, tradição oral e identidade: os nomes pessoais entre os Apinajé”. *Revista Mosaico*, 4(2): 223-234.
- GONÇALVES, Marco Antônio. 1992. “Os nomes próprios nas sociedades indígenas das Terras Baixas da América do Sul”. *BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, 33: 51-72.
- _____. 1993. *O significado do nome: cosmologia e nomeação entre os Pirahã*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- HARRIS, Mark. 2008. “Uma história de nomes: a alcunha, o primeiro nome e o apelido no Pará, norte do Brasil”. *Etnográfica*, 12(1): 215-235.
- HUGH-JONES, Stephen. 2002. “Nomes secretos e riqueza visível: nomeação no noroeste amazônico”. *Mana*, 8(2): 45-68.
- INGOLD, Tim. 2011. “Naming as storytelling: speaking of animals among the Koyukon of Alaska”. In *Being alive: essays on movement, knowledge and description*, pp. 165-175. London: Routledge.
- KOHN, Eduardo. 2002. *Natural engagements and ecological aesthetics among the Ávila Runa of Amazonian Ecuador*. Tese de Doutorado. Madison: University of Wisconsin.
- _____. 2007. “How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies”. *American Ethnologist*, vol. 34 (1): 3-24.
- LEA, Vanessa. 2012. *Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: os Mebêngokéré (Kayapó) do Brasil Central*. São Paulo: Edusp.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997 [1962]. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.
- KULICK, Dan. 2009. “Animais gordos e a dissolução de fronteiras entre as espécies”. *Mana*, 15(2): 481-508.
- LOPES DA SILVA, Aracy. 1986. *Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo: FFLCH-USP (Antropologia, 6).

Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 17, volume 24(1): 2013

MAUSS, Marcel. 2003[1938]. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’”. In *Sociologia e Antropologia*, pp. 367-398. São Paulo: Cosac Naify.

MAYBURY-LEWIS, David. 1984 [1967]. *A sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MELATTI, Júlio César. 1976. “Nominadores e genitores: um aspecto do dualismo Craô”. In: SCHADEN, Egon (org.): *Leituras de etnologia brasileira*, pp. 139-148. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MINELLI, Alessandro; ORTALLI, Gherardo & SANGA, Glauco (eds.). 2005. *Animal names*. Venezia: Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti.

PINA-CABRAL, João de & APARECIDA DA SILVA, Vanda. 2013. *Gente livre: consideração e pessoa no Baixo Sul da Bahia*. São Paulo: Terceiro Nome.

PINA-CABRAL, João de & VIEGAS, Susana (orgs.). 2007. *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Coimbra: Almedina.

PINA-CABRAL, João de. 2008. “Recorrências antroponímicas lusófonas”. *Etnográfica*, 12(1): 237-262.

_____. 2010a. “The truth of personal names”. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, 16: 297-312.

_____. 2010b. “Xará: namesakes in Southern Mozambique and Bahia (Brazil)”. *Ethnos*, 75(3): 323-345.

_____. 2012. “The functional fallacy: on the supposed dangers of name repetition”. *History and Anthropology*, 23(1): 17-36.

RAMOS, Alcida Rita. 2008. “Nomes Sanumá entre gritos e sussurros”. *Etnográfica*, 12(1): 59-69.

SÁ, Guilherme. 2013. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7Letras/UnB/CAPES/LACT.

SERPELL, James. 1996. *In the company of animals: a study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press.

VALERI, Valerio. 1992. “If we feed them, we do not feed on them: a principle of Huauulu taboo and its application”. *Ethnos*, 57 (III-IV): 149-167.

- ‘A gente chama de qualquer jeito’: notas sobre a onomástica dos animais de criação entre os Karitiana, Rondônia.
- VANDER VELDEN, Felipe. 2008. “O gosto dos outros: o sal e a transformação dos corpos entre os Karitiana no sudoeste da Amazônia”. *Temáticas*, 16 (31-32): 13-49.
- _____. 2010. “De volta para o passado: territorialização e ‘contra-territorialização’ na história Karitiana”. *Sociedade e Cultura*, vol. 13(1): 55-65.
- _____. 2012. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda.
- VIEGAS, Susana. 2008. “Pessoa e individuação: o poder dos nomes entre os Tupinambá de Olivença (sul da Bahia, Brasil)”. *Etnográfica*, 12(1): 71-94.
- VILLAR, Diego. 2005. “Índios, blancos y perros”. *Anthropos*, 100 (2): 495-506.
- _____. 2012. “Tsirihacato: notas sobre el humor Chacobo”. In VILLAR, Diego & COMBÈS, Isabelle (comps.): *Las tierras bajas de Bolivia: miradas históricas y antropológicas*, pp. 157-175. Santa Cruz de la Sierra: El País.
- _____. 2013. “De qué ríen los Chacobos”. *Anthropos*, 108: 481-494.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Arameté, os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Anpocs.

Recebido em janeiro de 2014

Aprovado para publicação em março de 2014